



**CARTO-  
GRAFIAS  
DE UMA  
VIELA:**

**TECIDO  
DE PELE E  
TINTA**





*Cartografias de uma viela: tecido de pele e tinta* apresenta um traço singular que a diferencia das mostras habituais do circuito institucional da arte: as obras que exibe irradiam uma experiência para além das paredes do Instituto Çarê, de onde surgiu a proposta de organizá-la. A exposição propicia o encontro com o trabalho de cada um dos seis artistas aqui reunidos e nos faz vislumbrar a experiência pungente de um lugar. Para mim, em especial, tornou-se claro, no decorrer do processo que nela resultou, que essa experiência diz respeito ao lugar físico e existencial do qual os trabalhos brotavam, remetendo à geografia e à atmosfera que acolhem os deserdados da “cidade oficial”, que sempre tratou de empurrá-los para mais longe e, assim, invisibilizá-los. Ao longo dos cerca de oito meses em que dialogamos com Adriele Oliveira, Danilo Juliano, Deusvaldo Pereira, Difavela, Luiz Lira e Ramon Santos, eles falaram, com muita gana e determinação, a mim e Claudinei Roberto, irrequieto e

exigente parceiro nesta curadoria, de sua experiência de jovens pretos, moradores da favela.

Continuamente autoproduzido por seus moradores, o espaço da favela se faz a partir de um traçado sábio e caprichoso, que lhe confere pulsação própria – o equilíbrio instável, mas persistente, ao qual a cidade oficial o relega. Seu *desenho* (uso aqui, bem a propósito, o termo caro à tratadística clássica, que renunciava, na cidade renascentista, a *racionalidade* almejada pelos primeiros urbanistas para a cidade moderna) é lábil e sagaz, e sua feição – esquiva e intrincada – é o oposto da clareza que os modernos viam na retícula da cidade industrial. Imagino que bater diariamente esses caminhos emaranhados dote os corpos de uma incrível plasticidade, uma inteligência espacial aguda – micro e macro –, o que sugere a enorme potência estética e política dos jovens moradores da favela no mundo contemporâneo. Não por acaso, a maioria dos jovens escolados nesse traçado evasivo tem a pele preta.

A experiência desse lugar que o contato com os artistas me proporcionou impregnou-me muito vivamente, com sua cultura e seu estilo próprio, um modo de vida comunitário e de sociabilidade particular, da ordem da circulação, da interconexão, da proximidade extrema entre coisas e pessoas, da fricção, da vitalidade dos afetos e da tensão entre todos esses acontecimentos. A vida na favela impõe, enfim, essa proximidade e essa exigência incessante da circulação, dos movimentos refinados e sutis dos corpos. Pessoas, coisas e funções veem-se compactadas num espaço exíguo, e a condição da sobrevivência é que os corpos sejam ágeis, que cultivem uma resistência a toda prova que garanta respostas lépidas e eficientes no plano local, além de uma vigilante percepção do todo, junto a uma inteligência global.

Não surpreende, portanto, que a autopercepção, a invocação ou mesmo a celebração da presença e da integridade do corpo sejam questões centrais nas obras desses artistas. O apelo à memória, que está, de modo mais ou menos evidente, em todas as obras, é um instrumento crucial de resgate dessa presença. Essa particularidade me revelou (a mim, que venho do outro lado da cidade) a extraordinária capacidade

de invenção e resistência desse lugar, dessa experiência com a qual *Cartografias de uma viela...* nos abraça: um espaço que deve ser conquistado uma vez mais a cada dia e, por isso, saturado de história e memória.

A receptividade que encontro nesses artistas, quando falamos sobre seus trabalhos, não atenua a distância que me separa de sua experiência de vida, por mais que ela me envolva. Não obstante, o vínculo que desejamos construir juntos, a partir desta exposição, é forte e ambicioso, e ultrapassa os abismos de raça e classe, notoriamente graves em nosso país. Esse vínculo nasceu de uma parceria entre o Çarê e o Instituto de Estudos Brasileiros da USP, a partir de uma série de conversas que mantive, em 2022, na condição de então diretora do IEB, com Elisa Bracher, que integra o Conselho Consultivo do Instituto. Com Monica Dantas, atual diretora do IEB, começávamos a formular uma linha de ação institucional voltada a integrar jovens negros à vida universitária, a partir do acesso ao enorme potencial formador do acervo documental, iconográfico e bibliográfico sobre o Brasil mantido pelo IEB. *Cartografias de uma viela...* é uma das frentes desse projeto, chamado *Vastas marés*. Materiais do Arquivo do IEB, como registros do cangaço e as memórias de Aracy

de Carvalho, tocaram a imaginação de alguns artistas do grupo. O projeto segue auspiciosamente seu curso sob a nova direção do IEB.

Adrielle Oliveira, Danilo Juliano, Deusvaldo Pereira, Difavela, Luiz Lira e Ramon Santos pensaram suas intervenções especialmente para esta exposição. Mesmo na heterogeneidade de interesses e escolhas estéticas que os mobilizam, ressalta, em todas as obras, uma formidável poética da plasticidade e da integridade do corpo, do corpo em movimento no tempo e no espaço, deslizando com leveza e astúcia, cuidando permanentemente de se preservar, na luta para derrotar a alienação

e a espoliação. Além dessa extraordinária experiência do corpo que atravessa todos os trabalhos, adivinhamos neles a desenvoltura com a qual os artistas se apropriam de diferentes espaços, que de pronto fazem seus, para logo mais os deixar para trás e se aventurar em novas paragens, para circular, pisar em tantos caminhos, recuperar os rastros perdidos de seus antepassados. O título da mostra, escolhido por eles, é revelador dessa luta, que faz parte de seu cotidiano e de seu modo de ser. As alusões à delicadeza, à fragilidade, mas também à potência do corpo estão presentes, de modo admirável, no enunciado que nos propõem.

**SÔNIA SALZSTEIN, CURADORA**

Adriele Oliveira, artista visual, experimentadora de escrituras e bordados; Danilo Juliano, xilogravurista, pintor e grafiteiro; Deusvaldo Pereira, fotógrafo e documentarista; Difavela, artista visual, artesão, arte-educador, grafiteiro e xilogravurista; Luiz Lira, pintor, desenhista, gravurista e ceramista; Ramon Santos, artista visual, desenhista e xilogravurista. Os artistas que compõem o elenco desta exposição têm em comum a origem étnica e social, proletária e periférica; e, em alguns casos, dividem também a condição de migrantes. Há, ainda, uma vocação insurgente e irredentista, confirmada nas qualidades resilientes que têm garantido a esses artistas a manutenção e o aprofundamento das pesquisas e dos processos que logram desenvolver, mesmo sob condições que lhes são frequentemente adversas.

A variedade dos resultados apresentados, exposta na multiplicidade dos recursos técnicos postos a serviço dessas poéticas, e a especificidade dessa gramática preta, proletária, periférica, antirracista, feminista e insurgente, valem-se também de meios histórica e tradicionalmente consagrados, como a pintura, a gravura e a fotografia. Como os protagonistas do processo de manufatura dessas proposições vivenciam, eles próprios, as angústias e o enlevo que são próprios do meio que examinam – a favela –, o uso desses recursos é feito em chave crítica, às vezes, esgarçando e desafiando os limites da linguagem operada. Assim, a favela conforma ou refina, quem sabe, o apuro visual que filtra, dessa vivência, a experiência necessária à revelação dos percursos que, paulatinamente, pautam uma sintaxe plástica sofisticada.

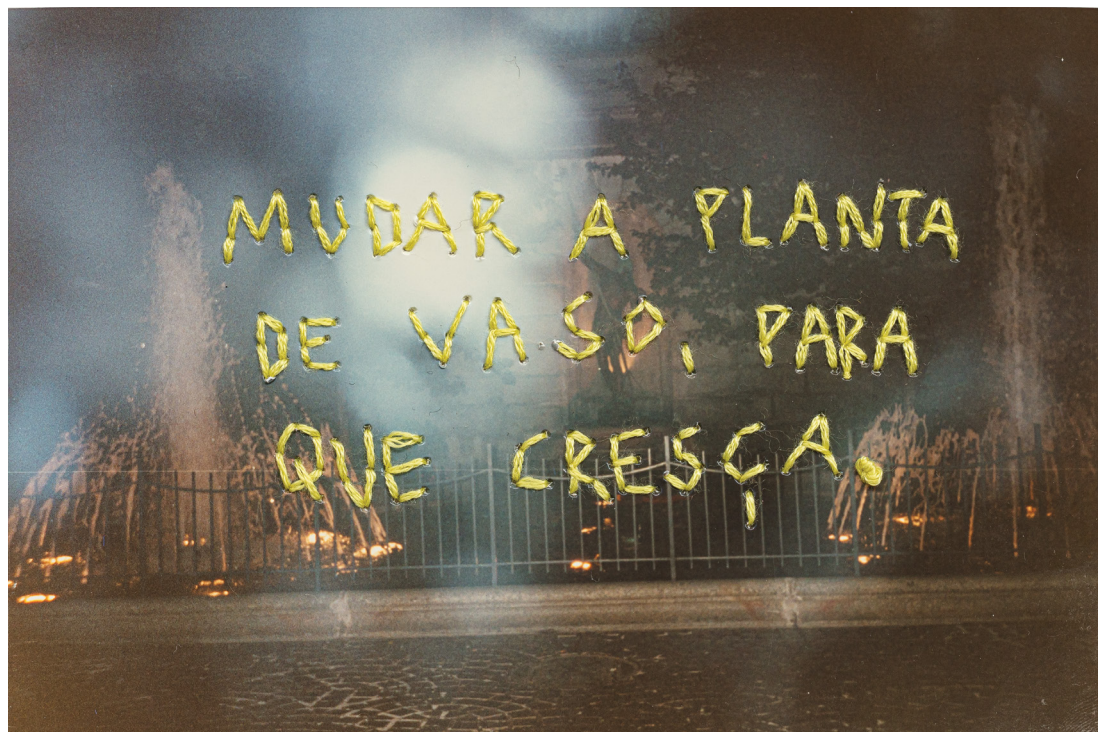
As artes, em suas múltiplas manifestações, são, entendemos, resultado de trabalho; linguagens laboriosamente criadas e desenvolvidas no curso da história, e compreendidas de modos diversos a partir de ambientes e contextos sociais distintos. A circulação dessa produção através de exposições pode, ou não, ensejar um necessário debate sobre a inserção da produção artística preta, proletária e periférica, muitas vezes tida como marginal, e até mesmo antissocial e disruptiva em relação à ordem estabelecida.

Essa perspectiva perniciosa promove tentativas de controle

que regem todas as instâncias da sociedade: a legislatura, a academia, a religiosidade, a educação e o sistema das artes. Exemplo disso são as tentativas arbitrárias de supressão das favelas, que têm como consequência a erradicação e o epistemicídio de um estilo de vida, de uma cultura e, sobretudo, da potência – que não pretere, em suas narrativas, as mazelas inerentes a essa condição/situação, mas garante a manutenção de inestimáveis testemunhos, inclusive artísticos, sobre história e a memória das populações que as habitam.

**CLAUDINEI ROBERTO DA SILVA, CURADOR**





**Desprendimento, 2024**  
Fotografias bordadas  
10 x 15 cm cada

FOTO GEOVANA VICTORIA



## ADRIELE OLIVEIRA

“Eu acho que a principal essência das obras que estão na exposição é que elas falam da minha busca por minhas raízes negras, principalmente dentro da linhagem feminina da minha família. Falam muito da minha busca de entrar na minha história, entrar na história da minha mãe, das minhas avós; em busca dessas histórias apagadas que possam ajudar neste presente, construindo minha própria história, trazendo essas histórias também para a minha. Elas falam ainda de uma busca de mudar minha relação com a favela, de ter uma narrativa muito mais poderosa e positiva. E também de uma vontade visceral, quase obsessiva, de criar em coletivo.”

Mulher negra e favelada, é graduada em arqueologia, militante afrofeminista e artista. Integrante dos coletivos Mizangas – Movimento de Mujeres Afro e Dinegro Lambe, é autora do livro *Favela: flor em resistência – o lugar ausente*, publicado pelo Instituto Acaia em 2022. O bordado e a escritura são as linguagens com as quais vem trilhando o caminho do ativismo.



# DANILO JULIANO

“Minhas obras foram feitas a partir de uma visita ao IEB. Não sabia o que estava procurando, no começo. Mas acabei encontrando a história da Aracy de Carvalho, gostei, história linda de heroína; e assimilei um pouco da história da minha avó, com seu jeito de juntar roupas e doar para quem precisa, sua vontade de ajudar outras pessoas. Conto também sobre a favela onde moro, onde conheço várias pessoas. Fiz retrato do Bacana, homem trabalhador. Queria retratar algumas coisas, como a festa que acontece nas favelas. São pessoas bem animadas: por mais que passemos dificuldades, somos sorridentes e felizes, gostamos de música. Então quis fazer um casal dançando forró, simbolizando a festa e a alegria.”

Iniciou-se na xilogravura, pintura e grafite aos nove anos, frequentando o Instituto Acaia. Morador da favela do Nove, em São Paulo, aprofundou-se no campo artístico explorando linguagens diversas nas oficinas da instituição. Sua arte retrata o que vive.

FOTO EDU DELFIM



Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, 2024  
Xilogravura  
68 x 59 cm





Sem título, 2024  
Da série *Pequenos pedaços do Nove*  
Fotografia digital impressa em papel Hahnemühle Photo rag  
60 x 40 cm



FOTO DEUSVALDO PEREIRA

## DEUSVALDO PEREIRA

*“Pequenos pedaços do Nove surge a partir de algumas reflexões sobre a questão do registro de comunidades. Trouxe essas reflexões aqui para dentro do território onde moro. E percebi que tem poucos registros sobre o Nove, sobre a Linha, sobre até mesmo o Cingapura. Então resolvi registrar a favela como documento, mesmo, para que as próximas gerações possam estudar essas fotografias, ver, e não ficar só na oralidade, só a mãe delas falando, o tio delas falando, “Ah, a favela foi isso, a favela era assim”. Quero que as pessoas vejam a favela através das fotos. Então, meu trabalho surge a partir dessa inquietação de ter um registro, um documento, que comprove que a favela existiu e que mostre como ela era realmente.”*

---

Natural do Piauí, vive em São Paulo desde 2006. Formado em Processos Fotográficos e cursando bacharelado em Fotografia no Senac, quer contar sua própria história e a do povo preto. Desde 2018, usa a fotografia para documentar a favela do Nove, onde vive. Em 2023, participou da Residência Caatinga, criada por seu irmão, Santídio Pereira, no Piauí.





## DIFAVELA

“Nesta exposição, falo do cangaço e da estética da favela. São duas matrizes de xilogravura, duas xilogravuras em folha, folhas de couro e um manequim, um tecido, uma roupa que vai retratar o Lampião. Mas quando falo da estética do cangaço e da estética da favela, não quero só retratar a moda, em si; também vou falar de toda coisa que envolve, seja a influência do jovem de hoje, seja a influência do cangaço nos jovens de hoje. Vou retratar os Mandrakes e também as vestimentas do cangaço, porque ditou moda, ditou estilo. É isso, e muito obrigado.”

Nascido e criado na zona norte de São Paulo, iniciou sua carreira artística no grafite em 2004. Em 2017, teve contato com a xilogravura. Participou de exposição coletiva na galeria Casa Visual Galeria (Palmas, 2021) e de residências artísticas. Seu trabalho apareceu nas revistas *MOYA – Atlantic Fellows for Racial Equity (AFRE)* e *Revista da Universidade de Colúmbia, Nova York*.



Sem título, 2024

Xilogravura sobre papel Starplus bege

96 × 66 cm





Sem título, 2024  
Bastão oleoso sobre tela  
40 x 40 cm

FOTO JAIANE DAMASCENO



## LUIZ LIRA

“Meu trabalho nesta exposição sai da palavra *território*. Eu exponho muito da minha infância e vivências, lembranças que tenho do período em que eu vivi nesse espaço, na favela da Linha, do Nove e do Cingapura Madeirite. Acredito que esse espaço seja muito dominante; ele imprime um ritmo e marca as pessoas que viveram ali e, muitas vezes, nem conseguiram sair dele. O que me faz pensar que é muito difícil vencer o espaço. A partir disso, fiz alguns recortes e trouxe elementos desse espaço para as pinturas, que têm muito sentimento para mim. Escolhi alguns cachorros, que têm um poder semântico aí nesse espaço, de alegria; são pequenos blocos de cor que passam pelas tantas vielas e tantos prédios; e também as pessoas, enquanto corpo mesmo que ocupa e transforma esse espaço.”

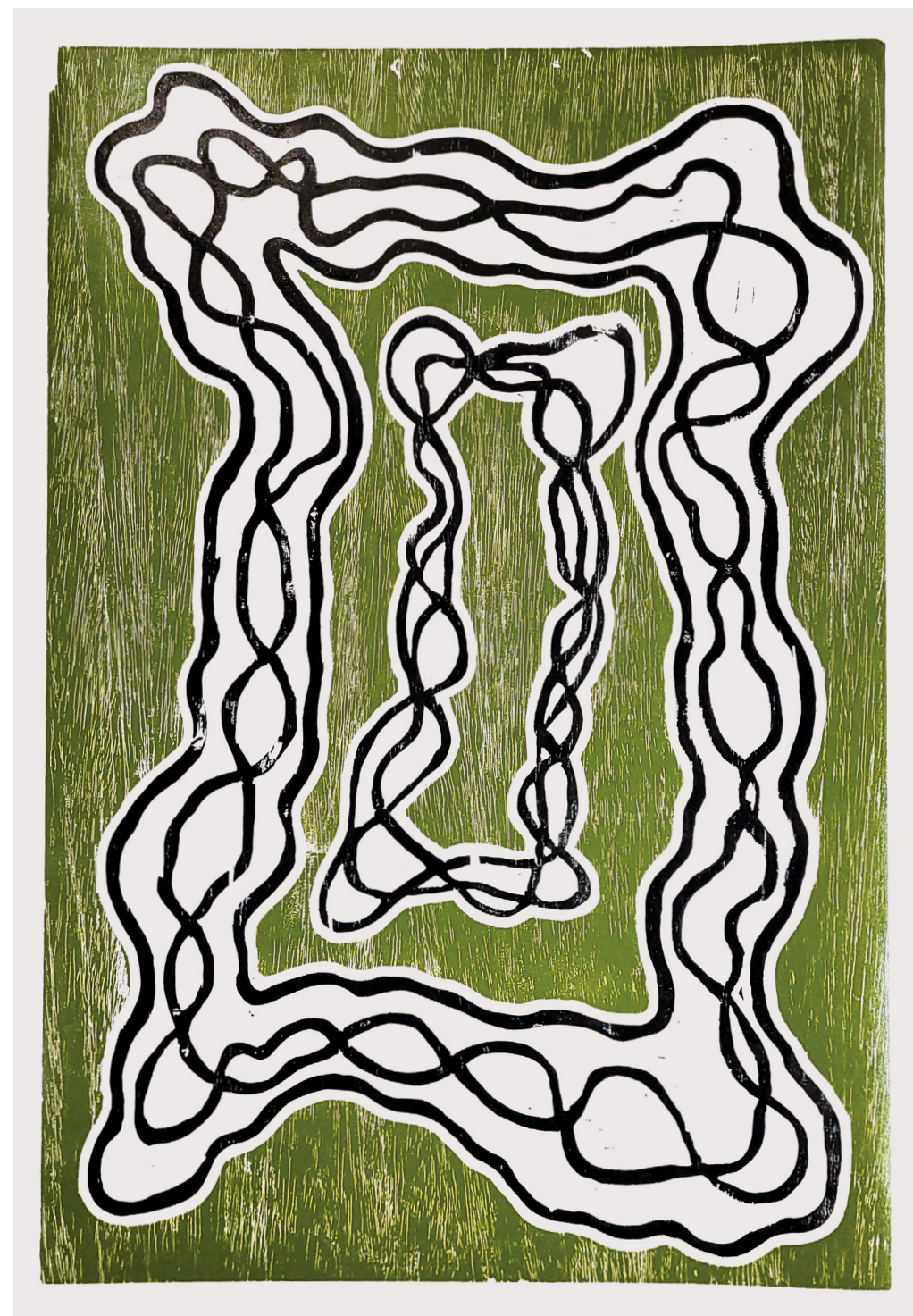




## RAMON SANTOS

“Essa série começa a nascer em uma das minhas viagens ao Piauí para fazer uma residência artística. Eu tinha esse sentimento de fazer alguma coisa referente aos caminhos que eu percorria por lá, pensando que eram também os caminhos que meus antepassados traçaram. Quando fiz a pesquisa no IEB, li alguns cordéis, o que facilitou o processo de transcrever esse sentimento em algo físico. As linhas representam caminhos que a gente pode andar, escolhas que a gente faz. Porque cada escolha vai levar para um caminho diferente. Pensei na trajetória da minha mãe, da minha avó. Se elas tivessem escolhido outras situações, talvez eu nem estivesse aqui. Foi como se meu sentimento se transferisse para o papel e, depois, para a madeira, esculpido, como se a goiva estivesse traçando um caminho, depois impresso com uma colher de pau e uma folha. Isso me deixou muito alegre.”

Filho de nordestinos, nasceu e cresceu na periferia de São Paulo. Sempre gostou de desenhar. Seu primeiro contato com a xilogravura foi aos oito anos de idade no Instituto Acaia, onde, mais tarde, faria cursos de encadernação, design gráfico, serigrafia e design têxtil, linguagens que enriqueceram suas criações artísticas e poéticas.



Sem título, 2024  
Xilogravura impressa em papel Canson grain  
121 x 85 cm



# CARTOGRAFIAS DE UMA VIELA: TECIDO DE PELE E TINTA

Curadoria  
Claudinei Roberto  
Sônia Salzstein

Expografia  
UNA barbara e valentim

Identidade visual  
Luciana Facchini

Coordenação editorial  
Teté Martinho

Cenografia  
Metro 2

Montagem  
Tato Blassioli

Design de luz  
Juliana de Jesus

Revisão  
Regina Stocklen

Assessoria de imprensa  
Marmiroli Comunicação

Educativo  
Alexandre Silva

Fotografia  
Ana Pigosso

INSTITUTO ÇARÊ

Direção  
Ana Cristina Cintra  
Elisa Bracher

Núcleo de Artes Visuais  
Fabrício Lopez  
Gabi Mariano

AGRADECIMENTOS

Equipes Instituto Çarê, Ateliê Bracher e  
Instituto Acaia

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL  
E DE PESQUISA



**VISITAÇÃO**

**24/09 – 23/11/24**

Terça a sábado, das 13h às 18h

**INSTITUTO ÇARÊ**

RUA DR. AVELINO CHAVES, 138  
VILA LEOPOLDINA